



PRÊMIO CONSÓRCIO CULTURAL

PASTORAL, DE COELHO NETTO

Um dos últimos temas ofertados aos amantes das mais belas letras foi aquele em que o redator desta página pedia notícias de um dos trabalhos mais significativos de Coelho Netto. "Pastoral" fora uma pequena obra prima composta pelo autor de "Mano", cujo valor permanente nos leva, com frequência, àquela encantadora fonte de sensibilidade. Tivemos a grande satisfação de receber resposta das mais completas, — um pequeno retrospecto daquele trabalho de Coelho Netto — e, ainda mais, assinada por um dos nomes mais evidentes do panorama artístico e cultural de Campinas, — José de Castro Mendes. Transcrevemos a seguir, na íntegra, a resposta de Zék, o aquarelista campineiro, e memorialista de larga contribuição à história desta terra. E, se assim o fazemos, estamos certos de estar prestando um serviço a todos aqueles que não conhecem, por acaso, aquela obra de Coelho Netto, e, que diante da estima aqui demonstrada não de procurá-la para o enriquecimento certo de sua sensibilidade.

A RESPOSTA

Em 1903, Coelho Netto residindo em Campinas onde ocupava a cadeira de literatura no Ginásio do Estado, tornando-se amigo íntimo de A. B. de Castro Mendes, proprietário da Casa Livro Azul ali fundava um pequeno clube destinado a promover saraus de estímulo para o cultivo das letras e das artes. Essas reuniões culturais eram frequentes e contavam com a participação dos mais prestigiosos elementos da sociedade local.

Nas proximidades do Natal daquele ano, foi que surgiu a ideia de se representar uma cena alusiva ao acontecimento cristão, que seria representada por alguns amadores do referido clube, como parte de um programa a ser desenvolvido em festival beneficente.

Mas, o interesse despertado por essa iniciativa foi tão grande que, a fim de atender aos inúmeros pedidos de participação, o grande escritor patricio, entusiasmado-se também ampliou o seu trabalho, resultando disso a famosa Pastoral que ele dedicou a Castro Mendes.

Dividida em um Prólogo e três episódios: Anunciação — Visitação e Natal, essa obra prima de nossa literatura foi representada no velho teatro

São Carlos com suntuosa montagem, constituindo um dos maiores acontecimentos sociais e artísticos registrados na história da cidade.

A distribuição dos papéis principais foi a seguinte:

O Rapsodo, Eleazar, velho cego — Antonio Andrade; José, esposo de Maria, Euclides de Andrade; Datham, pastor — Antonio de Souza Brito; Simeão, surdo mudo — Arthur da Rocha Brito; Anjo Gabriel — Odila Maia; Maria — Lucila Andrade; Izabel — Eliza Rezende; Dina, filha de Eleazar — Dina Pereira.

Os cenários, desenhados por Henrique Bernardelli, e Julião Machado foram desenvolvidos e pintados por Alfredo Norfini, grande aquarelista que residiu muitos anos nesta cidade.

As músicas foram escritas por: Sant'Ana Gomes — Prelúdio; Henrique Oswald — Canção do 1.º episódio; Francisco Braga — Canção e cânone e aleluia — 2.º episódio; Alberto Nepomuceno — Prelúdio — Coro dos emoritas (sólo) trecho de rara beleza Gloria a Deus — Cantilena melódica Coro dos pastores e Final. O corpo coral masculino, constituído por elementos de todas as sociedades alemãs de canto, aqui existentes esteve sob a regência do prof. Theodoro Ihan — o coral feminino sob a regência do sr. Jorge Klien.

Como particularidades dignas de registro anotamos: O **motivo**

musical executado no 2.º ato (saída das crianças) foi extraído da obra de Raul Charbonet: La Danse — tema em terços para diáulo (flauta dupla) tomado ao Cântico dos Cânticos e orquestrado à maneira egípcia.

Sendo o Teatro São Carlos iluminado à gás, naquela época, a representação da Pastoral, entretanto decorreu sob a luz de poderosos fôcos elétricos cuja corrente era fornecida por um dinamo particular, instalado pelo sr. João Batista de Castro Ferraz, irmão de A. B. de Castro Mendes.

Essa novidade como não podia deixar de ser, contribuiu em muito para o maior êxito do espetáculo por si só deslumbrante e magnífico em todos os seus aspectos.

O resultado financeiro foi destinado à compra de roupa para as crianças pobres assistidas pelo padre Manoel Ribas D'Avila vigário de Santa Cruz.

José de Castro Mendes